

Quanto ao menino Maique, este segue integrado as atividades do campo, diz com orgulho que está no 4º ano e embora seu sonho infantil seja ser caminhoneiro, gosta da lida nas práticas da produção junto ao pai e a mãe.

Ajuda nos cultivos dos canteiros e segundo o avô já sabe botar preço nos produtos. Nos projetos de investimentos para o agroecossistema está a estruturação para um criatório de aves e a construção de um fogão a lenha.

Quanto às aves esse é um projeto que o Maique fala todo animado, pelo fato de possuir uma galinha e querer aumentar, mas como tem as hortaliças, só é possível com a estruturação.

O fogão é uma forma de economizar com compra de gás, ela conta que quando mudou para casa em 2006 tinha um e eles o desmancharam para reformar a cozinha, mas sempre cozinha fazendo umas trempes no chão, mas que quer mudar e estruturar também um fogão.

A história de Josenilda e Gidelmo mostra que a ilusão da vida na cidade é mesmo só uma ilusão e para eles a experiência valeu para descobrirem que o campo é o lugar dos camponeses e camponesas.



1. Cisternana 16 mil litros

2. Seu Zé Lito

3. Canteiros econômicos



Mapa da Propriedade

Hoje eu vivo aqui, sou eu mesmo o meu patrão. Ninguém fica alugando meu ouvido. Eu digo pra você, podia hoje me oferecerem qualquer emprego lá, até mesmo de gerente que eu não quero" Gidelmo.

A linha da vida na volta que o mundo dá: a trajetória de Josenilda e Gidelmo

Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro.
Rubem Alves



A trajetória de vida de Josenilda e Gidelmo de tão simples e verdadeira, exige um olhar capaz de perceber a riqueza implícita nessa simplicidade. Na vida do jovem casal há sem dúvida os dramas comuns de muitas famílias no semiárido: falta de terra, água, seca, entre outros desafios frequentes nessa região.

Contudo o que se torna mais forte em seus relatos é o amor. Primeiramente de um pelo outro, construído entre as idas e vindas de Josenilda à comunidade, pela família e por fim à

lida com a terra.

A história ganha relevância por se tratar de um casal jovem, ela 30 e ele 38, que assumem uma retomada ao campo e ao campesinato após as tentativas de trabalho em fábrica na cidade de Simão Dias.

O casal não possui terra, ou melhor, a pequena propriedade de pouco mais de 3 tarefas é do pai de Gidelmo, seu Zé Lito, como é conhecido na comunidade.

Sendo a terra do pai algumas produções e criações são compartilhadas, como a criação de ovino e alguns roçados.

Seu Zé Lito afirma que a terra é pequena e que não faz sentido dividi-la: "Eu não tenho nada nem ninguém tem é da precisão".

Gidelmo e Josenilda estão casados há 10 anos, e dessa união tem um filho, o Maique, hoje com 09 anos.

Podemos dizer que o agroecossistema vem ganhando forma e adaptação ao gosto do casal desde 2006, ano que marca a união do casal.

A pequena propriedade, que antes só tinha a casa e todo o entorno era pasto, vem assumindo aspectos mais diversificados nos últimos anos.

Em relação a trajetória do casal, embora tenham nascido no campo, tentaram a sorte de 2006 a 2014 em trabalhos não agrícolas em uma fábrica de sapatos na Cidade de Simão Dias.

Com a remuneração do trabalho fabril foram estruturando a pequena área: reforma e ampliação da casa, construção de muro em parte da propriedade, estruturação de um pequeno sistema de irrigação, limpeza e aprofundamento de tanque de chão.

Josenilda saiu da fábrica em 2013 e Gidelmo em 2014, para eles a experiência foi bem traumática, dado o alto grau de exploração e humilhação as quais os trabalhadores e trabalhadoras estão sujeitos lá.



“Eu tenho um problema na visão, tenho um olho aqui que é uma prótese, ou eu saia ou ia morrer. Porque lá estava em contato com produto químico, e era muito enjoio. Aí qualquer coisa vem dizer que vai botar a gente na rua como se a pessoa fosse um cachorro. Um dia eu disse: Pra rua não! Eu vou pra casa, porque eu tenho casa, pra rua vai você que num tem nem uma casa pra morar”, diz Gidelmo. Josenilda lembra também com desgosto desse período: “Eu

estava ficando doente, porque lá a gente é tratada como máquina, e tem aquelas pessoas que está em funçãozinha melhor gosta mesmo é de humilhar as pessoas”.

Com a saída da fábrica e a propriedade minimamente estruturada passaram a viver da produção e do trabalho da roça.

Ainda não conseguem garantir todo o sustento da família só com as atividades na propriedade. Para subsidiar algumas despesas, Gidelmo faz pequenos serviços na comunidade, desde serviços agrícolas como feitiço de cerca, plantio de roças e até mesmo pequenos bicos como servente, mas tudo dentro da própria comunidade.

Em 2014 a família conquistou a implementação de segunda água, com o P1+2, e optou por utilizar o recurso do caráter produtivo para ampliar o plantel de ovinos, e conquistou 05 matrizes.

Em 2015 Josenilda e Gidelmo acessaram um credi e agro amigo, ambos fazem parte dos programas Nacional de Microcrédito do Governo Federal, sendo o credi amigo uma das estratégias do Plano Brasil Sem Miséria para estimular a inclusão produtiva

da população extremamente pobre. E Agroamigo, Programa de Microfinança Rural do Banco do Nordeste, operacionalizado em parceria com o Instituto Nordeste Cidadania e com Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Trata-se de uma iniciativa pioneira no Brasil que visa à concessão de financiamento para área rural, adotando metodologia própria de atendimento, cuja principal premissa consiste na concessão de crédito orientado e acompanhado.



O acesso serviu para estruturação da produção de ovinos e construíram o aprisco da propriedade. Hoje o plantel da família gira em torno de 25 animais.

No tocante a produção, a família produz hortaliças, mas ainda não conseguiu se livrar do atravessador, e mesmo com a ampliação da área produtiva após o P1+2, ainda não tem uma produção em escala desejável para ocupar outros mercados, como PAA e PNAE.

Contudo, mantém uma produção quinzenal regular de coentro, couve e alface para o comércio.

Para a segurança alimentar produz aipim, tomate, quiabo, feijão e fava, além das hortaliças citadas acima.

O agroecossistema ainda tem produção de milho na variedade catingueiro que é plantado a máquina e as vezes a trator, em consórcio com o feijão de arranca, e o manejo se dá de forma natural, sendo feito a capina de enxada.

No trato com as hortaliças, Josenilda usa as técnicas assimiladas nos cursos de GAPA e SISMA, compostagem de defensivos naturais.

Embora o Programa Uma Terra e duas Águas (P1+2) tenham deixado vários legados na propriedade, como: os ovinos, um canteiro econômico e a própria cisterna, Josenilda diz: “A mudança do P1+2 foi as informações. Eu acredito que até maior que a própria cisterna, porque quando a gente vai e aprende a gente chega e coloca em prática aquilo que aprendeu pra mim essa é melhor parte”.

A compostagem aprendida no curso leva o esterco dos ovinos, capim e cinza. E ela usa nos canteiros.

Outra parte interessante da propriedade é o sistema de solta dos ovinos, que pode ser considerado um mini agrossilvo, pois integra o pasto, os animais, plantas nativas e fruteiras. Em uma área de aproximadamente 2,5 tarefas possui uma quantidade razoável de jurema, manejada para estaca, capim pangola, além de 1 pé de carambola, 2 de cajueiro, 2 jaqueiras, 2 pés de coco, 1 pé de mangueira e 2 licuri (pindoba) e um barreiro com peixes.

